

PAZ É GUERRA

Pelo Prof. DELFIM SANTOS

As declarações dos homens mais representativos do partido trabalhista inglês, após a vitória eleitoral, confirmam sem sombra de dúvida que paz e guerra não são duas situações opostas e reciprocamente exclusivas. Todos eles se referem à batalha da paz — não se trata de uma metáfora, — e a terminologia de que se servem é bem expressiva de pensamento novo que interessa fixar.

A opinião que considera a paz como «fim da guerra» é, por sua vez, acusada, — e com razão — de motivadora na vida social de um estado de espírito que, mais cedo ou mais tarde, trará consigo novamente a guerra. A expansão dessa opinião imputa-se o facto de ter sido possível, após a primeira, a segunda grande guerra, que há pouco terminou o seu período destruidor na Europa.

A experiência ensina só quando dela se pretende aprender alguma coisa. E', parece, a situação presente. Nenhum dos estadistas responsáveis deseja cair nos erros fáceis a que a paz, entendida como ausência de guerra, inevitavelmente levaria os homens. Merecem interesse especial, por este motivo, as palavras de Morrison publicadas neste jornal: *não basta ganhar a guerra, é preciso desta vez também ganhar a paz.*

A guerra não é um fenómeno esporádico e exterior, que surge entre os homens não se sabe como. Pelo contrário, a guerra está entre os homens e começa agora claramente a compreender-se quais são as suas raízes e como elas se desenvolvem. Sem qualquer interesse de análise deste fenómeno complexo, podem admitir-se como conclusivas as palavras de Morrison a este respeito: *as raízes da guerra estão mergulhadas bem fundo no nosso estilo de vida actual.*

Não é necessário dizer mais para bem se compreender a verdade desta afirmação. O nosso estilo de vida está inadaptado às condições exigentes em que o homem se encontra na civilização que ele criou para seu benefício, mas que em breve outros lhe inverteram o sentido para melhor e mais profundamente o dominarem.

Nos principais aspectos da estrutura económico-social, que envolvem o homem desde o nascimento até à morte, nada está certo. Sem um mínimo de ordem justa neste domínio nada também estará seguro. E'

este um dos principais motivos da presente instabilidade e fragilidade das relações humanas na família, na profissão e na comunidade.

E' extraordinário que tal tenha acontecido, e mais extraordinário ainda a existência de intrépidos conservadores, empenhados em prolongar uma situação patentemente resultante de um desvio ou inversão dos valores que devem orientar a civilização no seu respeito pela dignidade humana. Parece ter chegado o momento de se compreender isto e evitar a sua continuação ou repetição.

A nota comum que parece indicar que se está no bom caminho para o evitar, manifesta-se no pensamento dos novos estadistas quando afirmam que a diferença tradicionalmente admitida entre paz e guerra não existe se, de facto, se pretende realizar autenticamente a paz, isto é, evitar que dela resulte novamente a guerra.

A diferença entre ambas, segundo se depreende do afirmado, consiste numa transferência de finalidades. Realmente a autêntica paz é só possível quando para ela se faz a transferência do treino que a guerra deu aos homens — e consequentemente da despesa — e se pretende conseguir com a mesma força, o mesmo impeto e a mesma energia o que a guerra pretendia: a solidariedade nos meios para atingir um unico fim.

E' preciso que a guerra continue contra o inimigo que estraga a paz. Pois, repetindo Morrison, da nada servirá ganhar a guerra, a não ser que nos libertemos de tudo o que é causa da pobreza, da ignorância e de outras desgraças desnecessárias.

NOS AÇORES

A população das Furnas prestou uma significava homenagem a Augusto de Atayde

PONTA DELGADA, 8. — A população das Furnas — uma das mais belas estâncias de repouso dos Açores, onde se encontram a veranear o dr. Luís Bernardo Ataide e seu filho o grande industrial açoreano Augusto Ataide — prestar calorosa e significativa homenagem a aqueles senhores por terem sido absolvidos da falsa acusação que lhes fora feita de terem praticado um crime contra a economia nacional.

Foi-lhes entregue uma artística pasta contendo uma mensagem assinada por muitas centenas de trabalhadores.

LIVRARIA FRANCESA
19, Rua da Misericórdia, 21
(ao Camões) Telefone 2 1013

COMENTÁRIOS

JÁ nem se comentários — perante a evidência dos factos agora de tão justa altura comprovados — os triales sucessos que durante onze anos tiveram encarcerado o oficial de diligências Abílio da Silva inocentemente condenado. O país inteiro acompanhou com ansiedade as várias fases deste julgamento rehabilitador que restituiu a vida de homens um desgraçado a quem não podem ser, no entanto, restituídos os onze anos que perdeu.

O chamado crime do molicho do Urzabal, como ficará na história da Justiça no nosso país, teve ontem o seu epílogo nessa pequena Vila Verde — mancha colorida do Alto Minho, povoação de trabalhadores e gente boa, onde não são de todos os dias, felizmente, as grandes tragédias. Três homens lutaram durante anos para que a verdade luteira viesse à luz do dia — à frente, a figura, aureolada de bondade, do padre Baltazar de Carvalho. Mas é justo acentuar também as esforços admiráveis do advogado dr. Filipe Mendes e do agente Anacleto, o primeiro, que tomou a peito a defesa calorosa e incansável de Abílio da Silva, o segundo que, a expensas próprias, conduziu a bom termo as investigações necessárias.

O pano desce sobre um grande drama judicial português. Daquelles dramas pungentes que um Camilo não desdenharia aproveitar. Mas hoje os literatos têm outras preocupações sendo menos densas os tragédias, mais atentas as immediatas. E procuram nas columnas dos jornais algumas das grandes e verdadeiras tragédias do nosso tempo. Abílio da Silva deixou de ser uma sombra e passa a ser, na vida, uma figura simbólica — e um apelo à atenção dos homens e à consciência dos seus juizes.

PELO Ministério das Finanças foi ontem publicado no «Diário do Governo» um Decreto-lei determinando que a importância de quinhentos contos em que no Governo pela Rainha D. Amélia se decidiu a partida de Portugal da benemerente scabiosa, ficará consignada à construção de um pavilhão no Sanatório de D. Manuel II, pavilhão a que — segundo o referido Decreto — se dará o nome de «Rainha D. Amélia».

DECIDIDAMENTE, e após-guerra começa a ser uma caixa de surpresas, o que, aliás, se previa já e torna portanto as surpresas menos surpreendentes... Declara-se estamos no limiar da idade do átomo, idade por certo maravilhosa — como todos queremos acreditar — e cujas maravilhas já ontem se começaram a revelar na cidade japonesa de Hiroshima... Mas não ficam por aí, segundo as agências telegráficas americanas, as últimas descobertas. Desde o homem que possui appetito psicológico e come de uma só vez 36 costeletas de porco, até à cura da neurastenia cortando o «nervo das culdadas» por meio de um furo na cabeça — o Mundo vai-se assemelhando a um estranho circo onde se exibem sensacionais novidades... Ou não será assim? Resta saber se a invenção da bomba atómica por um lado e a descoberta da cura da neurastenia por outro não serão elementos assás contraditórios...

NAO nos parece que seja de extraordinária felicidade politica a determinação tomada pelo Governo da União Sul-Africana, e agora torçada publica, de expulsar do país os estudantes estrangeiros que perderam o ano lectivo findo. Se é certo que mais estudantes não constituem, positivamente, bons elementos de propaganda para qualquer país em terra alheia, também não é menos verdade que não se pode medir por uma reprovação eventual a capacidade escolar de um individuo. Acontece ainda que entre os estudantes atingidos por esta estranha medida se encontram bastantes portugueses de Angola e Moçambique — o que dá ao caso aspectos mais graves sobretudo na hora em que a amizade entre os dois países foi tão repetidamente afirmada. Não deixarão, por certo, de atentar no assunto, pelo menos no que respeita aos estudantes portugueses, os que ponderarem a importância evidente do problema, no campo da politica de boa vizinhança necessária. Assim os esmeramos.

A MISSÃO CHINESA A MOSCOVO
LONDRES, 8. — Chegou a Moscovo a missão chinesa, tendo já sido recebida por Estaline. — (U. P.).

AUTOMÓVEIS
Quando V. Ex. tiver necessidade de mandar effectuar qualquer trabalho de bate-chapa, pintura, estofador ou mecanica, consulte a nossa casa, que lhe garante um serviço perfeito. Estação de Serviço Auto Triunfo, Rua de Santa Marta, 56-F.

A HUMANIDADE

TEM AGORA DE ESCOLHER ENTRE A VIDA E A MORTE

e se obtem um extraordinário progresso material OU SE ASSISTIRÁ AO RÁPIDO FIM DA CIVILIZAÇÃO

LONDRES, 8. — Os jornais de hoje manifestam grande jubilo pela revelação da bomba atómica e do poder destruidor que a caracteriza. O «Times» diz que a Humanidade tem de escolher agora entre a vida e a morte. Uma das alternativas é «obter-se riquezas incalculáveis para toda a Humanidade, a abolição de certos serviços pesados e um extraordinário progresso material». A outra alternativa é um rápido fim da nossa civilização e da própria vida no Mundo.

O «News Chronicle» declara que o Mundo está prestes a ser testemunha do inicio de um novo e mais saudável Mundo ou então da morte da civilização. Todos os jornais estão de acordo em que a nova arma deve ficar reservada para o interesse de todo o Mundo e não pode ser entregue a qualquer das nações. Concordam também em que o Conselho de Segurança das Nações Unidas, como órgão da fiscalização internacional, não é suficiente. O resto do Mundo, e especialmente a Russia, observa o «Manchester Guardian», não pode conformar-se com a ideia de que uma arma desse poder constitua monopólio dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. O articulista prosegue: «Se não partilharmos estes segredos poderemos estar certos de que em pouco tempo voltará a reinar o mal-estar no Mundo. Infelizmente, como órgão de fiscalização internacional, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, está longe de corresponder às necessidades. Baseia-se na soberana independência das grandes potências. Como nenhuma nação que não disponha da bomba atómica pode considerar-se, em ultima instancia, segura quer da sua soberania, quer da sua independência, a consequência natural é que, dado o conceito que presidiu à organização do Conselho de Segurança, cada uma das grandes potências manteria as suas próprias fabricas de bombas atómicas. Nada poderia ser mais perigoso do que isto. Semelhante acordo viria a trazer a calamidade final. A própria razão ensina a Humanidade que a guerra se vai tornando num suicidio. Mas, a razão nem sempre domina os homens. A Humanidade carece de revelar profundas convicções».

O «gatilho» atómico

LONDRES, 8. — O correspondente do «News Chronicle», em Nova York, faz a descrição do primeiro «gatilho» atómico desenvolvido, possivelmente apenas em teoria, na Universidade de Columbia, em Nova York. Este «gatilho» — diz o correspondente — pode ter dado origem ao mecanismo detonador da bomba atómica. Diz-se que o mecanismo é extremamente simples e os seus componentes são um pouco de rádio, um pouco de beryllium, uma pequena quantidade de urânio 235 e alguma parafina.

O correspondente continua: «No mecanismo, os raios do rádio actuando sobre o beryllium fazem com que este emita raios neutrons penetrantes que são diferentes dos do rádio. Os raios neutrons eram porém muito rápidos para afectar o urânio. Por isso foi necessário retardar os neutrons para uma velocidade designada por 25 mil volts, velocidade a que se supõe que seria desagregado o átomo de urânio. Este retardamento seria conseguido pela parafina. Mas contudo o problema não ficou inteiramente solucionado, pois era preciso forçar o urânio a continuar a explodir os seus átomos automaticamente e assim provocar a explosão atómica pela simultanea deflagração de um grande numero de átomos. Neste ponto, julgou-se ainda necessário retardar a velocidade dos neutrons emitidos pelos primeiros átomos de urânio a serem desmembrados. Calculou-se que isso podia ser conseguido envolvendo-se o urânio em parafina constituindo o hidrogénio desta a barreira retardadora».

As primeiras investigações sobre a possibilidade da nova bomba ESTOCOLMO, 8. — A professora Lise Meitner, de 66 anos, judia austriaca, que iniciou as investigações

— escreve o «Times»

debera da possibilidade da bomba atómica, teve a coragem de fugir da Alemanha nazista, sem passaporte, trazendo o segredo a fim de poder trabalhar em liberdade. Contudo, a professora Meitner poderia ter continuado os seus trabalhos de investigação em Berlim, porque o Alto Comandante alemão compreendia a importância desses trabalhos para a futura guerra. Quando manifestou o desejo de partir, por não estar de acordo com o regime nazista e produzir trabalhar em liberdade, foi-lhe declarado que nenhum sábio proeminente podia abandonar a Alemanha. Vive agora numa parte de casa mobilada no estilo de Viena. A professora toca piano e eructa de preferência musica clássica alemã. Declarou ontem a noite aos jornalistas: «Penso que estes princípios serão applicados especialmente para criar novas forças para o bem». A professora Meitner iniciou os seus trabalhos num laboratório do Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, em colaboração com o seu sobrinho dr. Robert Frisch, que trabalha agora em Copenhague. — (R.).

NUMA CIDADE AMERICANA

UMA EXPLOÇÃO destruiu dois milhões de alqueires de trigo e matou 25 pessoas

PORTO ARTUR (Ontário), 8. — Duas cidades separadas por uma distancia superior a 15 quilómetros — Porto Artur e Forte William — foram sacudidas por uma explosão num armazem do cais, que destruiu dois milhões de alqueires de trigo. A explosão, deu-se ontem e, ao fim da noite, foram encontrados já 25 cadáveres. Seis já foram identificados. Supõe-se que o sinistro foi provocado pela combustão lenta do cereal. — (R.).

A MULHER DE LAVAL acusada de colaboracionista

PARIS, 8. — Eugénia Laval, de 37 anos, esposa de Pierre Laval, antigo Presidente do Conselho de Vichy, foi ontem acusada de «inteligência» com o inimigo pelo juiz Marchat, magistrado investigador. Declarou que nunca se intromettera na politica e nada sabia. Quando lhe perguntaram o que pensava da politica de seu marido, respondeu que as explicações dela tinha persuadido de que a sua politica era a melhor para a França. Estava certa de que o seu procedimento tinha sido inspirado pelo seu amor pela França. — (R.).

O festival de hoje na Feira Popular em honra dos Estados Unidos da América do Norte

A América do Norte e o seu povo, na pessoa do seu embaixador em Lisboa, dr. Herman Baruch, são objecto de uma grandiosa homenagem que se realiza esta noite na Feira Popular, do Parque de Palhavã. O banquete de confraternização luso-americano reunirá mais de 500 pessoas de alto relevo social.

Para contagem de décimos e quintas de segundos chegaram

Conta segundos UNIVERSAL TORROAES

(RELOJOEIRO DE CONFIANÇA)

RUA DA PRATA, 127-131 Tel. 24210

Máquinas de escrever comerciais e portáteis

David J. Lopes, L^{da}

Inf. DA PRATA, 201-A LISBOA - PORTUGAL

Telef. 22584